

TEATRO

12, 13, 14 OUTUBRO 2017

Piece for Person and Ghetto Blaster

Peça para Pessoa e Tijolo

de Nicola Gunn

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Conceito, texto, direção, interpretação

Nicola Gunn

Coreografia

Jo Lloyd

Composição e desenho de som

Kelly Ryall

Desenho audiovisual

Martyn Coutts

Desenho de luz

Niklas Pajanti

Figurinos

Shio Otani

Dramaturgista de texto

Jon Haynes

Direção de produção

Gwen Gilchrist

Técnico de som

Daniel Arnott

Produtora

Jenny Vila

Apoio

Australia Council for the Arts, Creative Victoria, Mobile States, the Besen Family Foundation, Punctum Inc. Seedpod, Arts House's CultureLAB e Maximised by Chunky Move

Estreia

4 de novembro de 2015,
Performance Space, Sydney

Qui 12, sex 13, sáb 14 de Outubro

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h10 · M14

1.

Não muito antes de ler *Esta Distante Proximidade* de Rebecca Solnit tinha lido *Os Anéis de Saturno* de W.G. Sebald porque me interessavam as histórias dentro de histórias dentro de histórias. Pedi emprestado *Os Anéis de Saturno* a um homem com quem andei durante um curto período. Escreveu o nome no verso da capa, portanto de cada vez que pego no livro sou obrigada a lembrar-me do erro que foi o nosso interlúdio romântico. Ele agora anda com uma atriz de cabelos louros encaracolados, mas duvido que dure muito. Se calhar até já acabaram.

2.

Ao longo de 2015 tive longas discussões com o meu dramaturgista e amigo Jon sobre moral e violência. Ele lembrou-se de um poema de W.H. Auden chamado “Musée des Beaux Arts” sobre um quadro que Auden viu quando visitou o museu do título.

3.



Pieter Bruegel, o Velho. *Paisagem com a queda de Ícaro*, c. 1558
Óleo sobre madeira transferido para tela · 73,5 x 112 cm · Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique, Bruxelas

4.

Estive uma vez fechada numa residência intensiva de duas semanas com a famosa artista de *performance* Marina Abramovic. Ela disse-me que tinha imenso azar ao

amor e que estava nesse momento numa relação com um homem casado, o que a ela lhe convinha. Surpreendeu-me que fosse tão engraçada em pessoa quando o seu trabalho era tão sério. Ela tinha escrito um manifesto para artistas e a única coisa de que me lembro dele é “o artista deve cagar antes do nascer do sol”.

5. Agatha Christie é famosa por escrever romances policiais. Os seus detetives mais conhecidos são Hercule Poirot e Miss Marple. Quando era adolescente, passava muitas sextas-feiras à noite a ver filmes da Miss Marple e do Poirot com a minha mãe. Desde então passámos para séries policiais escandinavas e *noir* escandinavo, embora deva acrescentar que já não as vemos juntas.

6. Um dos meus amigos mais próximos arranjou trabalho numa peça que era produzida e protagonizada por David Suchet. David Suchet é conhecido talvez sobretudo pela sua interpretação de Hercule Poirot de Agatha Christie. A digressão da peça durou vários meses e passou por três continentes, portanto o meu amigo Pier passou bastante tempo com David Suchet. O elenco inteiro foi convidado para ir a sua casa em Londres. Infelizmente a peça não era muito boa e o Pier disse-me que era melhor eu não ir ver. Um crítico em Sydney escreveu: “Suspeito que os muitos admiradores de Suchet que viram esta peça no mundo inteiro não se foram embora desiludidos. Mas se ainda não compraram os vossos bilhetes e ainda estão hesitantes, será que o deviam fazer? Se calhar não por 150 dólares.”

7. Quando disse ao Jon que o Pier tinha ido ao apartamento do David Suchet em frente à Tate Modern, o Jon disse-me que o Jeffrey Archer também tem um apartamento que dá para o Tamisa. Nunca perguntei se o Jon chegou a ir às festas de Natal do Jeffrey Archer, mas o Jeffrey Archer é sobretudo conhecido por ter sido deputado, ter ido para a prisão por perjúrio e perverter o decurso da justiça e por escrever uns romances policiais bastante medianos.

8. Há uns meses o Pier pediu-me se eu podia deixar de referir o nome dele no meu espetáculo porque não queria que o David Suchet soubesse que ele tinha andado a falar sobre ele. É bastante possível que alguns factos relatados ao Pier o tivessem sido de forma confidencial. Garanti ao Pier que ia deixar de mencionar o nome dele em relação ao David Suchet, e para além disso é muito improvável que o David Suchet venha ver o espetáculo.

9. Agatha Christie é a autora mais traduzida no mundo. Segundo o Index Translationum, os seus livros geraram 7.233 traduções. A princípio julguei que isso queria dizer 7.233 línguas mas agora acho que obviamente deve haver várias traduções em cada língua. Uma vez peguei em duas traduções diferentes de *Margarita e o Mestre* numa livraria e fiquei absolutamente espantada por serem tão diferentes, por a linguagem poder ser interpretada de maneiras tão diferentes para criar variações de sentido.

10. Schopenhauer disse que “a compaixão é o fundamento da moral”. Arthur Schopenhauer foi um filósofo do século XIX que defendia que, na sua essência, o universo não era um lugar racional. Foi considerado um pessimista completo, mas na verdade só achava que a condição humana era fundamentalmente dolorosa e plena de frustração.

11. Vi uma ópera inspirada num conto de fadas escrito pelo dramaturgo e simbolista belga Maurice Maeterlinck em Bochum, na Alemanha, no início deste ano, e era péssima. A encenação era estarrecedora e a protagonista, uma soprano canadiana, despia-se sem razão aparente. Quando fui para casa googlei a soprano canadiana e descobri que aparece de cuecas em muitas óperas que protagoniza. Perto do fim da vida, Maeterlinck cometeu plágio, tal como eu quando incluí factos sobre Maeterlinck no meu espetáculo, todos tirados da Wikipédia.

12. Em 2011, Dominique Strauss-Kahn foi acusado de atacar sexualmente uma empregada da limpeza num hotel de Nova Iorque e depois disso demitiu-se da sua posição de diretor-geral do FMI. Segundo um artigo publicado no *Guardian*, Strauss-Kahn participou em festas de sexo e enviou mensagens aos seus cúmplices em que alegadamente se referia às mulheres como “material”.

13. Todos os vegetarianos em Melbourne têm o livro de cozinha vegetariana de Yotam Ottolenghi chamado *Plenty*. Ottolenghi é um colaborador regular do *Guardian*. Num Natal a minha mãe comprou-me um livro de cozinha chamado *Vegan Cooking for One [Pratos Vegan para Uma Pessoa]*. Acho que deve ser o livro mais solitário e deprimente do mundo.

14.

“Musée des Beaux Arts” (1940)

W.H. Auden

About suffering they were never wrong,
The old Masters: how well they understood
Its human position: how it takes place
While someone else is eating or opening a window or just walking dully along;
How, when the aged are reverently, passionately waiting
For the miraculous birth, there always must be
Children who did not specially want it to happen, skating
On a pond at the edge of the wood:
They never forgot
That even the dreadful martyrdom must run its course
Anyhow in a corner, some untidy spot
Where the dogs go on with their doggy life and the torturer’s horse
Scratches its innocent behind on a tree.

In Breughel’s *Icarus*, for instance: how everything turns away
Quite leisurely from the disaster; the ploughman may
Have heard the splash, the forsaken cry,
But for him it was not an important failure; the sun shone
As it had to on the white legs disappearing into the green
Water, and the expensive delicate ship that must have seen
Something amazing, a boy falling out of the sky,
Had somewhere to get to and sailed calmly on.

[Quanto ao sofrimento nunca se enganavam, / Os Velhos Mestres; quão bem
conheciam / A sua posição humana: como tem lugar / Enquanto outra pessoa está
a comer ou a abrir a janela ou apenas a caminhar pesadamente; / Como, quando
os mais velhos estão reverentemente, apaixonadamente à espera / Do nascimento
milagroso, tem de haver sempre / Crianças que não estavam especialmente
interessadas nisso, patinando / Num lago à beira do bosque: / Nunca esqueceram
/ Que mesmo o terrível martírio tem de decorrer / Seja como for a um canto,
num ponto desarrumado / Onde os cães passam a sua vida canina e o cavalo do
torturador / Coça o traseiro inocente numa árvore. // No *Ícaro* de Breughel, por
exemplo: como tudo se afasta / Bem despreocupadamente do desastre; o lavrador
pode / Ter ouvido o chapão, o grito desolado, / Mas para ele não era um falhanço
importante; o sol brilhava / Como era suposto nas pernas brancas que desapareciam
na água / Verde, e o navio caro e delicado que deve ter visto / Uma coisa incrível,
um rapaz a cair do céu, / Tinha para onde ir e continuou a navegar calmamente.]

15.

Numa conversa sobre este poema com o Francisco Frazão, o Francisco lembrou-se de uma passagem do diário de Simon Gray que dizia como ele odiava aquele poema, assim como o outro dos *Quatro Casamentos e um Funeral*. O Francisco disse-me que tinha bastante piada. Concordei que o poema era um bocado pesado e moralista. E depois perguntei quem era o Simon Gray e o Francisco disse-me que o Simon Gray era um dramaturgo bastante tradicional, amigo do Pinter.

16.

De *The Smoking Diaries* de Simon Gray:

“Como é que se pode ter razão ou estar enganado sobre o sofrimento? E quanto aos ‘Velhos Mestres’ – bem, os velhos mestres, fossem quem fossem, eram novos ou estavam de qualquer modo vivos quando pintaram os seus quadros, não estavam a ser velhos mestres, ou mestres de coisa nenhuma a não ser da paleta na mão, da tela em frente – portanto eu implicava com o Ian [Hamilton], olha, então e o cavalo no fim, a coçar o traseiro ‘inocente’ contra uma árvore, como é que seria um traseiro ‘culpado’?”

Bem, não vamos por aí, sobretudo quando se fala de Auden, continua concentrado no cavalo, ‘indiferente’ a Ícaro a cair do céu – mas ele não estaria indiferente, este cavalo, porque não teria visto – se alguma vez olhaste para o Bruegel sobre o qual ele diz que está a escrever verias que o cavalo não vê – e não ver não é de todo a mesma coisa que ser indiferente.”

Auden nunca se refere ao cavalo como “indiferente”.

17.

O filósofo francês Emmanuel Levinas escreveu: “Se se pudesse possuir, apanhar e conhecer o outro, ele não seria o outro.” Fez da responsabilidade ética pelo “Outro” a base das suas análises filosóficas.

18.

Os patos conseguem ver objetos em grande pormenor entre duas vezes e meia e três vezes mais longe do que as pessoas, e a sua sensibilidade ao espectro solar, que vai do quase-ultravioleta ao vermelho, é bem maior do que a dos seres humanos. Imediatamente depois do incidente com o homem e a pata, fiz alguma pesquisa e infelizmente é legal caçar algumas espécies de patos na Bélgica.

Nicola Gunn



Nicola Gunn

Performer, escritora, encenadora e dramaturgista sediada em Melbourne. Desde 2001, faz peças que misturam *performance*, arte contemporânea e antropologia para explorar a fragilidade da condição humana com um humor subversivo. Ultimamente tem colaborado com coreógrafos para fazer espetáculos que combinam texto e dança. Usa frequentemente a *performance* para refletir criticamente sobre o seu lugar nos teatros, para examinar relações de poder e para ponderar a relevância e função social da própria arte. O ponto de partida é normalmente um texto escrito ou uma ideia imaginada que responde a um impulso auto-gerado de contar uma história ou explorar uma forma. Nicola inspira-se sobretudo na sua própria experiência para criar ficção autobiográfica. Tem uma bolsa Creative Australia do Australia Council e uma bolsa Mike Walsh. Foi bolseira Churchill para investigar práticas socialmente empenhadas e *site-specific* na Europa e América do Norte. Tem um mestrado (arte no espaço público) pela RMIT University.

Entre as peças recentes incluem-se: *The Interpreters* (2016), *Mermermer* (2016), *Piece for Person and Ghetto Blaster* (2015), *A Social Service* (2015), *Green Screen* (2014), *In Spite of Myself* (2013), *Hello my name is* (2012) e *At the Sans Hotel* (2010). Apresentou o seu trabalho no Festival Coil do PS122, Black Box Teater de Oslo, BIT Teatergarasjen, Festival Stage do Teatro

Korjaamo, Dance Massive, Dublin Theatre Festival, Festival de Keuze, Malthouse Theatre, Melbourne Theatre Company, Arts Centre Melbourne, Festival of Live Art, Arts House, Performance Space, Vitalstatistix, PICA, Brisbane Powerhouse, Melbourne Festival, Brisbane Festival, The Blue Room Theatre, La Mama Theatre e em festivais no Canadá e Nova Zelândia. Orientou *workshops* na National Theatre School, Monash University, Back to Back Theatre, Dawson's College e St Catharine's University e no Dublin Theatre Exchange.

Como *performer* e colaboradora, trabalhou com Tamara Saulwick, Ian Pidd, Jessica Wilson e Bec Reid, e com Ridiculusmus. Como dramaturgista de dança trabalhou com os coreógrafos Jo Lloyd e Luke George. Colaborou recentemente com o ilustrador Michael Fikaris num livro de BD chamado *Instruction Manual*, uma adaptação da sua peça *Green Screen*.
www.nicolagunn.com

Próximo evento

Doclisboa'17

15.º Festival Internacional
de Cinema

Cinema De qui 19 a dom 29 de outubro
Grande e Pequeno Auditórios · 11h – 23h
M12 (exceções assinaladas no programa)



O programa do festival esta disponível em www.doclisboa.org

Próximo espetáculo de teatro/dança

Triste in English from Spanish

de Sónia Baptista

Teatro/Dança Sex 24, sáb 25, dom 26 de
novembro Palco do Grande Auditório · 21h30
(dom às 17h) · Duração: 1h · M12



Queremos sublimar a tristeza do confronto com o que está mal no mundo e chegar a uma criação que nos guie através de uma digestão emocional necessária e urgente. Se a tudo o que é vivo se atribui um prazo de validade, pegar em coisas fora do prazo é um ato de fé. Qual é a vivência sustentável do corpo da mulher atravessado pelos anos e por prazos de validade?

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho
(Direção Executiva)

Mark Deputter
(Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Francisco Frazão (assessor
Teatro para temporada
2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
para temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de

Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado

(estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo